

Contos de
ANJOS E DEMÔNIOS

ANATOLE FRANCE

Free Books



ANATOLE FRANCE

CONTOS
DE
ANJOS E DEMÔNIOS

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS
ESTRANGEIROS

CONTOS FANTÁSTICOS

Título: Contos de Anjos e Demônios.

Autor: Anatole France (1844 – 1925).

Tradutores: Autores desconhecidos do séc. XX. Fizeram-se breves adaptações textuais.

Fontes: “Carioca”, edições de 4 e 6 de setembro de 1947; 16 de junho de 1942.

Imagem da capa: Rafael Sanzio (1483 – 1520).

Imagens do Miolo: Simon Ushakov (1626 – 1866), Spinello Spinelli, dito Spinello Arentino (c. 1350 – 1310), Jan Wllens de Cock (c. 1480 – 1527).

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 64.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e 43, *caput* da Lei nº 9.610/1998).

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano.

Ano: 2018.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,
<http://www.contosdeterror.com.br/>

Sumário

OS PÃES DE CENTEIO	6
LÚCIFER.....	16
A TENTAÇÃO	28
SOBRE O AUTOR	35



OS PÃES DE CENTEIO

Naquele tempo, Nicolau Nerli era um banqueiro na nobre cidade de Florença. Ao soar a terceira hora, já estava sentado em sua mesa de trabalho e, ao soar a hora nona, ainda continuava sentado. Durante todo o dia desenhava números em suas tábuas. Empréstava dinheiro ao Imperador e ao Papa, e, se não chegou a emprestar ao Diabo, foi por temor de que lhe corresse mal os negócios com este que se chama o Maligno e que tem demasiada esperteza. Nicolau Nerli era atrevido e desconfiado. Adquiriu enormes riquezas despojando muitas pessoas, pelo que sempre teve boa reputação na cidade de Florença. Habitava um palácio onde a luz que Deus criou só entrava por estreitas janelas, e nisto deve-se reconhecer uma justa previsão, porque a morada dos ricos deve ser como uma cidadela, e os que possuem considerável fortuna agem

prudentemente defendendo, pela força, o que adquiriram com malícia.

Assim, pois, o palácio de Nicolau Nerli estava provido de trancas e cadeados. No interior, as paredes eram pintadas por hábeis artesãos que ali representavam as Virtudes sob aparência de mulheres, os patriarcas, os profetas e os reis de Israel. Tapeçarias estendidas nos cômodos ofereciam, aos olhos, as histórias de Alexandre e de Tristão, tal como se relatam nas lendas.

Para ostentar sua riqueza na cidade, fundava Nicolau Nerli instituições piedosas. Construiu, fora do recinto murado, um hospital em cujo friso, de relevos pintados, eram representados os atos mais honrosos de sua vida. Em agradecimento à quantidade de prata que facilitou para que se terminasse Santa Maria a Nova, no coro daquela igreja achava-se pendurado o seu retrato. Viam-no ajoelhado aos pés da Santa Virgem, com as mãos juntas, e era

facilmente reconhecível por seu gorro de lã vermelha, por sua capa forrada de pele, por seu rosto gorduroso e amarelado e por seus olhinhos espertos. Sua honrosa mulher, Mona Bismantova, de aspecto triste e honrado, cuja aparência fazia supor que jamais havia agradado a alguém, achava-se do outro lado da Virgem, em humilde atitude de meditação. Aquele homem era um dos principais cidadãos da República; como nunca havia demandado contra as leis e tampouco se havia preocupado com os pobres, nem com aqueles a quem os poderosos dominantes condenam à multa e ao desterro, nada pôde diminuir, perante os magistrados, o alto conceito que, aos olhos destes, suas imensas riquezas o fizeram merecedor.

Ao entardecer de um dia de inverno, entrando em seu palácio a uma hora mais avançada do que acontecia, na soleira da porta se viu rodeado por um grupo de mendigos seminus, que lhe estendiam as mãos.

Repeliu-os com palavras rudes; a fome, porém, os obrigava a se mostrarem ariscos e atrevidos como lobos. Fizeram um círculo em torno de Nicolau Nerli e lhe pediram pão com voz queixosa e enrouquecida. Inclina-se já para apanhar pedras do solo e atirá-las, quando viu chegar um de seus criados, que trazia sobre a cabeça um cesto de pães de centeio destinados aos moços das cavalariças, da cozinha e dos jardins.

Indicou ao padeiro que se aproximasse e, tirando do cesto os pães a mancheias, os atirou aos miseráveis. Depois, entrou em seu palácio, deitou e dormiu. Enquanto dormia, teve um ataque epilético e morreu tão repentinamente que ainda se considerava em seu leito quando, num lugar "falto de toda luz", lhe apareceu São Miguel, iluminado pela claridade que irradiava seu próprio corpo!

Com a balança na mão, o arcanjo enchia os pratos. Ao reconhecer, no mais pesado, as joias

das viúvas que guardava como garantia, os inumeráveis escudos que havia retido indevidamente, e algumas peças de ouro muito formosas que só ele possuía e que havia adquirido pela usura ou pela fraude, Nicolau Nerli supôs que era sua vida passada o que o arcanjo pesava naquele instante, pelo que se mostrou atento e temeroso.

—*Messer* São Miguel — disse —, se colocais num lado todos os lucros que eu tive em vida, colocai no outro, se vos apraz, todas as formosas fundações pelas quais manifestei, magnificamente, minha devoção. Não esqueçais a cúpula de Santa Maria a Nova, para a qual contribuí com uma boa terça parte, nem o hospital extramuros que mandei construir só com o meu dinheiro.

—Não tenhas temor, Nicolau Nerli — respondeu São Miguel. — Nunca esqueço nada.

E, com suas mãos gloriosas, colocou, no prato que pesava menos, a cúpula de Santa Maria

e o hospital com seu friso de relevos pintados; o prato, porém, não baixava.

O banqueiro começou a inquietar-se profundamente.

— *Messer São Miguel* — insistiu —, procurai mais. Não colocastes, neste prato da balança, nem a formosa pia de água benta de São João, nem o púlpito de Santo André, onde o batismo de Nosso Senhor Jesus Cristo se acha representado era tamanho natural. É uma obra que me custou muito caro.

O arcanjo pôs o púlpito e a pia de água benta sobre o hospital no prato que, apesar de tudo, não baixava.

Nicolau Nerli começou a sentir sua testa inundada por um gélido suor.

— *Messer arcanjo* — perguntou —, estais certo de que vossas balanças pesam bem?

São Miguel respondeu, sorridente, que ainda que, não fossem construídas conforme o modelo das balanças que usam os lombardos de Paris ou os cambistas de Veneza, nem por isso deixavam de ser precisas.

—É possível — suspirou Nicolau Nerli, angustiado —, que minha cúpula, meu púlpito, meu hospital, com todas suas camas, não pesem mais do que um fiapo de palha, do que uma pena de pássaro?

—Assim, o vês, Nicolau — disse o arcanjo. — O peso de tuas iniquidades é muito maior que o de tuas piedosas obras.

—Neste caso, irei para o Inferno! — disse o florentino. Seus dentes batiam de pavor.

—Paciência, Nicolau Nerli! — retorquiu o pesador celeste. — Paciência! Não acabamos ainda. Falta uma coisa.

E o bem-aventurado Miguel apanhou os pães de centeio que o rico havia atirado na

véspera aos pobres, colocou-os no prato das boas obras, que prontamente desceu enquanto o outro subia. Os dois pratos ficaram na mesma altura: o fiel da balança não oscilava nem para a direita nem para a esquerda, indicando a igualdade perfeita dos dois pesos.

O banqueiro não dava crédito aos seus olhos.

O glorioso arcanjo lhe disse:

— Tu o vê, Nicolau Nerli: não serves nem para o Céu nem para o Inferno. Tu o vê. Volta à Florença. Continua repartindo pela tua cidade pães, como os que deu tua mão esta noite, sem que ninguém o veja, e te salvarás, porque não é bastante que o céu se abra para o ladrão que se arrepende e para a prostituta que chora. A misericórdia de Deus é infinita! É capaz de salvar um rico! Sê tu o rico digno de salvar-se. Continua repartindo pães que pesam muito em minhas balanças. Vai-te.

Nicolau Nerli despertou, em seu leito, resolvido a seguir os conselhos do arcanjo e a repartir o pão entre os pobres para entrar no reino dos céus.

Durante os três anos que viveu ainda na terra, depois de sua primeira morte, mostrou-se piedoso com os desditados e deu muitas esmolas.



LÚCIFER

Andrea Tafi, pintor e mosaísta florentino, tinha muito medo dos diabos, sobretudo nessas horas da noite em que é permitido às potências malignas imperar na obscuridade. E os temores do Tafi não deixavam de ser fundados, porque os demônios tinham então motivos para odiar os pintores que lhes arrebatavam com um só quadro mais almas que um fradezinho com trinta sermões. Com efeito, o frade, para inspirar aos fiéis um terror saudável, lhes descrevia, o melhor possível, o dia de cólera que deve reduzir os séculos a cinza, segundo o testemunho de Davi e da Sibila; enrouquecia sua voz e punha as mãos diante da boca para imitar a trombeta do Anjo, porém, tudo era levado pelo vento. Entretanto, uma pintura estendida no muro de uma capela ou de um claustro, na qual se apresentava Jesus Cristo sentado para julgar os vivos e os mortos, falava sem cessar à mirada dos pecadores e

corrigia pelos olhos os que haviam pecado pelos olhos e de outras maneiras. Era a época em que mestres hábeis pintavam em Santa Cruz de Florença e no Sampo Santo de Pisa os mistérios da Justiça Eterna. Tais obras eram traçadas conforme o relato poético e rimado que Dante Alighieri, homem muito sábio em Teologia e em Direito Canônico, havia escrito da sua viagem aos Infernos, ao Purgatório e ao Paraíso, aonde, pelos méritos extraordinários de sua amada, entrou em vida; por este motivo, naquelas pinturas tudo era instrutivo e verdadeiro, e se pode assegurar que não era mais proveitoso ler uma crônica muito extensa do que contemplar aquelas figuras. Os mestres florentinos tratavam de pintar à sombra das laranjeiras, sobre a erva esmaltada de flores, damas e cavaleiros aos quais a Morte espreitava com seu gadanho enquanto eles viam só o Amor ao compasso de suas laudes e de suas violas. Nada mais oportuno para converter os pecadores carnis que bebem o esquecimento de Deus entre os lábios das

mulheres. Para escarmento dos avaros, o pintor representava, ao natural, demônios que vertiam ouro derretido na boca do bispo ou da abadessa que havia pago mal as obras encomendadas. Por isto, eram, então, os demônios inimigos dos pintores e especialmente dos pintores de Florença, que excediam a todos os demais em engenho e sutileza. Principalmente reprovavam que os representassem sob um aspecto odioso, com cabeça de pássaro ou de peixe, corpo de serpente e asas de morcego. Seu desgosto se manifesta claramente na história de Spinello.

Spinello Spinelli¹, de Arezzo, era descendente de uma nobre família de fiorentinos desterrados. A nobreza de sua inteligência igualava a de seu nascimento, porque foi o pintor mais hábil de sua época. Realizou em Florença importantes trabalhos. Pisa encarregou-o de ornar, em continuação a Giotto, os muros do claustro bendito, onde os mortos descansam sob

¹ Dito Spinello Arentino (c. 1350 – 1410) foi um pintor italiano.

roseirais em uma terra trazida de Jerusalém. Porém, depois de haver trabalhado muito tempo nas cidades e depois de ganhar muito dinheiro, quis voltar a sua amável Arezzo, sua cidade natal. Os aretinos não haviam esquecido que Spinello, inscrito desde a sua juventude na confraria de Santa Maria da Misericórdia, durante a peste de 1383, havia visitado os enfermos e enterrado os mortos. Agradeciam-lhe, também, suas obras, que estenderam a glória de Arezzo em toda a Toscana; por isso, receberam-no com muita pompa. Enérgico, ainda e firme em sua idade madura, encarregou-se de importantes empresas. Sua mulher lhe dizia:

— És rico; descansa e deixa que os jovens pintem o que tu pensas pintar. O repouso é necessário para os velhos. Devemos acabar nossa vida em uma calma suave e piedosa. Imaginar ansiosamente obras profanas, como novas torres de Babel, é tentar a Deus. Spinello, se te obstinas

em prosseguir com tuas pinturas e tuas cores, perderás a paz da alma.

Assim falava a boa mulher; ele, porém, não lhe deu atenção porque só queria, em sua inquietude, aumentar sua fortuna e sua glória. Em vez de procurar descanso, contratou, com os mordomos de Santo Agnolo, pintar uma história de São Miguel, que devia cobrir todo o coro da igreja e conter uma infinidade de personagens. Lançou-se a esta empresa com maravilhoso ardor. Relendo os lugares da Escritura em que devia inspirar-se, estudou profundamente cada linha e cada palavra. Não satisfeito com desenhar durante todo o dia em seu atelier, trabalhava no leito e na mesa. E pela tarde, enquanto passeava ao pé da colina, sobre a qual se eleva Arezzo, orgulhosa de seus muros e de suas torres, meditava também sobre seus trabalhos. Poder-se-ia dizer que a história do Arcanjo estava pintada por completo em seu cérebro, quando começou a esboçar os assuntos com lápis

vermelho. Andou ligeiro traçando os perfis; logo começou a pintar sobre o altar-mor a cena que devia ter mais relevo que as outras, pois nela se glorificava o chefe das milícias celestes pela vitória que alcançou antes do princípio dos tempos. Spinello representou ali São Miguel combatendo no ar com a serpente de sete cabeças e dez cornos e se deleitou representando, na parte inferior do quadro, o príncipe dos demônios, Lúcifer, sob a aparência de um monstro espantoso. As figuras brotavam espontaneamente de sua mão, e conseguiu muito mais do que havia prometido a si próprio; o rosto de Lúcifer se mostrava tão odioso que era impossível subtrair-se ao conjuro de sua fealdade. Aquele rosto perseguiu o pintor na rua e o acompanhou até sua casa. À noite, Spinello se deitou no leito junto de sua mulher e adormeceu. Durante o sono apresentou-se a ele um anjo, tão formoso como São Miguel, porém com o rosto sombrio e lhe disse:

— Spinello: eu sou Lúcifer. Onde me viste para pintar-me, como o fizeste com aspecto ignominioso?

O velho lhe respondeu, trêmulo, que não o havia visto nunca, porque não nunca fora aos infernos como Dante Alighieri, porém, que ao representá-lo daquele modo, quis expressar, de uma maneira sensível, a fealdade do pecado.

Lúcifer deu de ombros. Poder-se-ia dizer que, de repente, a colina de São Germiniano se agitava:

— Spinello — perguntou — queres fazer-me o obséquo de raciocinar um pouco comigo? Eu sou um bom raciocinador e Aquele a quem tu rezas não o ignora.

Como Spinello não o contentasse, Lúcifer prosseguiu do seguinte modo:

— Spinello, tu leste os livros que tratam de mim; tu conheces minha aventura e de que modo saí do Céu para converter-me em príncipe do

Mundo. Ilustre empresa a minha, única no gênero, se os gigantes não houvessem atacado, também, a seu deus Júpiter, segundo o viste, Spinello, em uma velha tumba onde se acha esculpida, sobre mármore, aquela guerra.

— É certo — disse Spinello. — Eu vi essa tumba em Santa Reparata de Fiorença. É uma formosa obra dos romanos.

— Pois já sabes — replicou Lúcifer, sorridente — que os gigantes não estão representados ali em forma de rãs nem de camaleões.

— Porque não haviam atacado o verdadeiro Deus — replicou o pintor — e sim um ídolo dos pagãos. Isto é muito digno de ter-se em conta. E vós, Lúcifer, erguestes a bandeira de rebelião contra o verdadeiro Rei do Céu e da Terra.

— Não te poso negar isto — respondeu Lúcifer —, mas quantas classes de pecados me atribuis por esse motivo?

— Podem vos ser atribuído sete — respondeu o pintor — e todos capitais.

— Sete — disse o Anjo das trevas — é o número da Teologia; tudo que acontece em minha história, estritamente unida à do Outro, tem relação com o número sete. Spinello, tu me consideras orgulhoso, colérico e invejoso. Conformo-me com a condição de que me concedas que somente invejo a glória. Supões-me avaro? Consinto ainda; a avareza é uma virtude de príncipe. Quanto à gula e à luxúria, se as atribuis a mim, não me ofenderei. Falta a preguiça.

E ao pronunciar essa frase, Lúcifer cruzou seus braços sobre a couraça e, movendo sua cabeça entristecida, agitou sua cabeleira inflamada.

— Spinello, é verdade que me supões preguiçoso? É verdade que me supões covarde? Consideras, Spinello, que minha rebelião é obra de um preguiçoso? Não. Era, pois, justo que me

atribuísses rosto enérgico e audaz; não se deve prejudicar ninguém falsamente, nem sequer o Diabo. Não vêes que ofendes àquele ante a quem rezas quando lhe dás por adversário um sapo monstruoso? Spinello, és demasiado ignorante para tua idade; tenho vontade de puxar-te as telhas como a um tolo.

Ante aquela ameaça, e ao ver estendido para ele um braço de Lúcifer, Spinello levou as mãos à cabeça e começou a rugir com terror. Sua bondosa mulher despertou sobressaltada e lhe perguntou de que mal padecia. Spinello respondeu-lhe, batendo os dentes, que acabava de ver Lúcifer e temia que lhe arrancasse as orelhas.

— Já te havia dito — respondeu a bondosa mulher — que todas as figuras que te obstinas em pintar nos muros acabam por te enlouquecer.

— Não — estou louco — disse o pintor. Ele me apareceu; é formoso, ainda que triste e soberbo. Amanhã mesmo apagarei a horrível

figura que lhe atribui, sem motivo, e em seu lugar pintarei a que acabo de ver em sonhos, porque não se deve ser injusto nem mesmo com o Diabo.

— Melhor será que durmas — replicou a mulher. — Tuas razões me parecem absurdas e não são tão cristãs como deveriam ser.

Spinello tratou de levantar-se, porém lhe faltaram as forças. Caiu desacordado sobre o travesseiro. Durante alguns dias ardeu de febre; depois, morreu.



A TENTAÇÃO

Então, sentou-se Satã no alto de uma colina e contemplou a casa dos Irmãos. Ele era negro e belo, semelhante a um jovem egípcio. E, em seu coração, pensou:

— Porque sou o Adversário e porque sou o Outro, tentarei esses monges, e direi tudo quanto calo. Aquele que é o amigo deles. Afligirei esses religiosos dizendo-lhes a verdade e hei de entristecê-los com os meus razoáveis discursos. Farei penetrar o pensamento qual uma espada em seus rins. E quando souberem a verdade, serão infelizes.

“Porque só há alegria na ilusão e só na ignorância encontra-se a paz. E porque sou o mestre daqueles que estudam a natureza das plantas e dos animais, a virtude das pedras, os segredos do fogo, o curso dos astros e a influência dos planetas, os homens chamam-me o Príncipe das Trevas. E o meu reino é deste

mundo. Ora, eu tentarei esses monges, e farei que eles reconheçam que as suas obras são más e que a árvore da caridade dá amargos frutos. E eu os tentarei sem ódio e sem amor.”

Assim pensou Satã em seu coração. No entanto, como as sombras da noite se alongavam ao pé das colinas, e como se evolasse a fumaça dos telhados das choupanas, Giovanni, o santo homem, saiu do bosque, onde costumava orar, e tomou o caminho de Santa Maria dos Anjos, dizendo:

—A minha casa é a casa das delícias, porque ela é a casa da pobreza.

E vendo frei Giovani, que caminhava, pensou Satã:

—Aquele é um dos que eu tentarei.

Cobriu a cabeça com o seu manto negro e foi ao encontro do santo monge. Tomara o aspecto de uma viúva. E, ao encontrar-se com frei Giovanni, disse:

—Dai-me uma esmola por amor daquele que é vosso amigo e cujo nome eu não sou digno de pronunciar.

E o monge respondeu:

—Tenho comigo uma taça de prata que um senhor do país me deu para ser derretida e empregada na ornamentação do altar de Santa Maria dos Anjos. Tomai-a, senhora. Amanhã, irei pedir ao bom senhor que me dê uma outra para a Virgem Santa. Assim serão cumpridos os seus desejos, e vós tereis também recebido a esmola pelo amor de Deus.

Satã tomou a taça e disse:

—Permiti, bom irmão, que uma pobre viúva vos beije a mão. A mão que dá é doce e perfumada.

Frei Giovanni respondeu:

— Em vez de beijar-me a mão, afastai-vos, senhora. Pareceis formosa de rosto e escura como

o rei mago que levou a mirra. E não convém que eu vos olhe mais. Porque ao solitário tudo é motivo de perigo. Assim pois, eu vos deixo, recomendando-vos a Deus E perdoai-me se faltei com a polidez. Porque São Francisco dizia: "A cortesia é o ornamento de meus filhos, assim como as flores ornaram as colinas".

Mas Satã disse ainda:

— Meu bom padre, indicai-me ao menos uma hospedaria onde eu possa passar honestamente a noite.

Respondeu o monge:

— Ide, senhora, à casa de São Damiano, dos pobres de Nosso Senhor. Aquela que vos receberá é Clara, e é um claro espelho de pureza; ela é a duquesa da Pobreza.

Disse ainda Satã:

— Meu padre, sou uma mulher adúltera e entreguei-me a muitos homens.

E frei Giovanni retorquiou:

— Senhora, mesmo que vos acreditasse carregada dos pecados que dizeis, eu vos pediria como uma grande honra a permissão de vos beijar os pés, porque eu valho bem menos do que vós, e os vossos crimes são pequenos em comparação aos meus. No entanto, recebi graças bem maiores do que aquelas que vos foram concedidas. Porque quando São Francisco e seus doze discípulos estavam ainda na terra, eu vivi com aqueles anjos.

E Satã replicou:

— Meu padre, quando vos pedi uma esmola por amor daquele a quem amais, eu tinha no coração um mau desejo que vos quero contar. Ando mendigando pelos caminhos sob um véu de viúva, a fim de angariar a quantia necessária que destino a um homem de Perusa, que goza do meu corpo, e que prometeu, se recebesse essa soma, matar de surpresa um cavalleiro a quem odeio, porque, havendo-me oferecido a ele,

desprezou-me. Ora, a quantia estava incompleta. Mas o peso da vossa taça de prata completou-a. E a esmola que me haveis dado será o preço do sangue. Vendeste o justo. Porque o cavalheiro é casto, sóbrio e piedoso, e por isto eu o odeio. E sereis o causador da sua morte. Colocaste um peso de prata na balança do crime.

Ouvindo tais palavras, o bom frei Giovanni chorou. E, afastando-se um pouco, pôs-se a orar num bosque de espinheiros, dizendo ao Senhor:

—Fazei, ó Senhor, que esse crime não recaia nem sobre esta mulher, nem sobre a minha pessoa, nem sobre nenhuma das vossas criaturas, mas que ele seja levado sob os vossos pés trespassados de cravos e que seja ele lavado em vosso precioso sangue. Deixai cair sobre mim e sobre minha irmã da estrada uma gota de hissopo, e ficaremos purificados, e brancos passaremos sobre a neve.

No entanto, o Adversário afastou-se pensando:

—Não pude tentar esse homem por causa da sua extrema simplicidade.

SOBRE O AUTOR

Anatole France, pseudônimo de Jacques Anatole François Thibault (1844 – 1924), poeta, dramaturgo, contista e romancista francês, foi membro da Academia Francesa de Letras e ganhador do Nobel de Literatura em 1921.